

ALÉM DA IDENTIDADE: O CAMINHO BUDISTA PARA UMA CULTURA DE PAZ

Christopher Augusto Carnieri¹

*“Uma vez que as guerras se iniciam nas mentes dos homens,
é nas mentes dos homens que devem ser construídas as defesas da paz”*
Constituição da UNESCO (preâmbulo)

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever o caminho budista para uma cultura de paz. Para isso são analisadas as principais etapas do caminho, sua relação com a psicologia transpessoal e os fundamentos de uma cultura de paz apresentados pela Cátedra de Estudos da Paz da UNESCO.

Palavras-Chave: Budismo; Identidade; Paz; Psicologia Transpessoal.

Abstract: This article describes the buddhist path for a culture of peace. Therefore, it is analyzed the main stages of the path, their similarities with transpersonal psychology and the foundations for a culture of peace elaborated by the UNESCO chair for peace studies.

Keywords: Buddhism; Identity, Peace; Transpersonal Psychology.

Introdução

O budismo é uma filosofia espiritual que tem crescido significativamente no Brasil. Uma das figuras mais importantes para esse fenômeno é o Lama Padma Samten. Segundo sua biografia, Alfredo Aveline foi professor de Física de 1969 a 1994 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste período, dedicou-se especialmente ao exame da física quântica, teoria na qual encontrou afinidade com o pensamento budista. No início dos anos 1980, intensificou seu interesse pelo Budismo e em 1986 fundou o Centro de Estudos Budistas Bodisatva², CEBB, em Viamão, Rio Grande do Sul. Em 1993, foi aceito como discípulo por Chagdud Tulku

¹ Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná, UFPR. Professor de Antropologia e Sociologia no Centro Universitário Curitiba, UNICURITIBA. Especialista em Psicologia Transpessoal pela Faculdades Integradas Espírita. Contato: chris.carnieri@gmail.com

² Disponível em: <http://www.cebb.org.br/> Acesso em: 17/12/2018.

Rinpoche e em 1996 foi ordenado lama, título que significa líder, sacerdote e professor. Com o passar do tempo, muitas sedes do CEBB foram instaladas em várias cidades do país.

Este artigo visa estudar um de seus principais livros, *A roda da vida como caminho para a lucidez*, e descrever, através dele, o caminho budista para uma cultura da paz. Para isso, vamos analisar as etapas do caminho, estabelecer uma relação com a psicologia transpessoal e, por conseguinte, os fundamentos de uma cultura de paz.

1. Lugares itinerantes

De acordo com Françoise Laplantine (2011), a identidade é um enunciado performativo que expressa pertencimento e origem de hereditariedade, raça, solo, nação, família, etc. A reivindicação identitária proclama autenticidade. Em outras palavras, é a reivindicação de um refluxo. É o passado comandando o presente e atribuindo-lhe legitimidade retroativa: um processo de reativação da origem.

Laplantine conclui seu pensamento sobre o tema afirmando que a identidade e sua representação nutrem uma ilusão de conservação e repetição. A identidade se opõe à alteridade e ao espaço vazio, assim, dedica-se incessantemente a preenchê-lo. Desta forma, aproxima-se do “eu” até que se confunda com ele, construindo para tanto uma imagem representativa. Segundo esse raciocínio, podemos localizar a identidade como anterior à representação, porém, anterior à identidade, em seu princípio e origem, não existe nada. Alguns termos aparecem no decorrer da história descrevendo esse “nada” como “presente”, “presença” e “potencialidade pura”, entre outros.

Na filosofia budista, a identidade é o início de Samsara (a roda da vida). Cada pensamento ou emoção constrói um tipo de realidade. Nesse sentido, pensamento e emoções nos levam a determinados “lugares itinerantes”. Em outras palavras, passamos a viver em bolhas de realidade. Porém, não somos nossos pensamentos nem nossas emoções, pois eles são transitórios. Quando eles terminam, nós voltamos para um lugar onde podemos produzir outros, e assim por diante. Não somos nossas identidades. Elas são ornamentos de nossa natureza livre.

Um adágio budista para entender o Samsara está diretamente relacionada à meditação, uma vez que “a meditação não é sobre o que está acontecendo, é sobre como você se relaciona com o que está acontecendo”. Ao observar a figura 1 percebemos que Buda está fora do Samsara. De certa forma, a lucidez está em ter consciência do jogo, mas não o jogar, ou seja,

ter o poder de escolher não participar. A entidade que aparece no topo da roda se chama Maharaja. Ela é uma representação da ilusão, e é justamente a ilusão que faz rodar a roda da vida. Nós mesmos é que nos colocamos dentro do Samsara e apenas nós podemos sair dele. A questão é: como entramos e como saímos?



Figura 1: Samsara (a roda da vida).

Essencialmente, nossa mente começa a criar coisas e a nossa energia vai acompanhando, construindo coisas, e essas coisas que construímos se tornam referenciais para as nossas ações. Em poucas palavras, isso é o Samsara. Percebam um detalhe importante: não estamos presentes, somos “arrastados” por pensamentos, memórias, emoções, projeções etc., de tal forma que

entramos em bolhas de realidade, como por exemplo quando assistimos um filme no cinema, entramos na trama, nos emocionamos, mas no fundo não há nada ali a não ser imagens projetadas em um grande pano. E se não fosse o bastante, não raro fundamentamos ações, concepções e valores que condicionam nossas vidas baseadas nessas bolhas de realidade. É tudo um processo mental. Vamos começar pelo centro da roda:



Figura 2: Os três venenos da mente.

[observando o centro da roda da vida] deparamos com três animais: um javali, um galo e uma cobra, que representam componentes de nossas diversas identidades. São formas de inteligência que constroem e sustentam as identidades. Também são designadas como os três venenos da mente: a ignorância, o desejo/apelo e a raiva. O javali é a forma de identidade que assumimos, o galo é a inteligência que rege a ação incessante que esse javali promove para se manter, e a cobra é a inteligência agressiva que está sempre pronta, aguardando o momento de alguma necessidade [para defender a identidade criada] (SAMTEN, 2010, p.24)

Segundo Lama Padma Samten, Dukkha pode ser entendido como as paredes que nos isolam e nos conduzem para uma realidade à parte. O termo é normalmente traduzido como sofrimento, mas é mais preciso se o virmos como uma forma de olhar o mundo, um estreitamento da visão que desencadeia aflições que sentimos ao perder a capacidade natural de conexão com o todo ao privilegiarmos as partes. Entramos em um processo de fragmentação, de separação em visões de mundo, perspectivas ou papéis. Por exemplo, eu me identifico com um papel profissional (javalí) e para isso me envolvo com todo tipo de atividades, linguagem e comportamentos oriundos desse papel (galo), sendo que vou defender esse papel sempre que

alguém ou alguma situação ameaçá-lo (cobra). Contudo, eu não sou esse papel, ele é apenas isto: um papel social.

Seguindo a descrição da imagem no centro da roda, temos um lado claro e outro escuro, os quais representam a impermanência da vida. O sofrimento brota justamente da ignorância de querermos permanecer nos momentos bons, o que origina um sentimento de apego, por sua vez, quando estamos vivendo um momento ruim, desejamos sair logo da situação. Essa relação apego/desejo é uma fonte constante de sofrimento.

Na figura 3 temos os seis reinos. Esses reinos são representações simbólicas de seis padrões emocionais básicos: (1) reino dos deuses mundanos, (2) reino dos deuses guerreiros, (3) reino dos humanos, (4) reino dos animais, (5) reino dos fantasmas famintos e (6) reino dos infernos. Em outras palavras, os reinos são perspectivas: “isto é uma experiência de...”.



Figura 3: Os seis reinos.

Na parte superior da imagem, o reino dos deuses mundanos representa o orgulho ou falso contentamento quando as pessoas estão “presas” nos seus próprios confortos materiais. Em outras palavras, as piores prisões são aquelas lindas e sem muros. A seguir vem o reino dos deuses guerreiros ou seres invejosos. Aqui se encontram as pessoas competitivas que vivem se comparando às outras, pois anseiam pelo status de deuses, mas nunca se satisfazem com o que têm. É muito comum a necessidade de diminuir ou outros para se sentirem melhor consigo mesmas. O ambiente acadêmico é um lugar fértil para esse tipo de padrão emocional. Na sequência surge o reino humano, fundamentado no apego e no desejo. Nesse reino se encontram a maioria dos seres humanos, correndo cegamente atrás de uma felicidade condicionada: “eu seria feliz se...”.

Abaixo dos reinos dos deuses, dos deuses invejosos e dos humanos, encontram-se os reinos inferiores. O primeiro desses é o reino dos animais, onde as emoções perturbadoras são a preguiça ou torpor. Em termos de paisagem mental, esse reino é caracterizado pela incompreensão do funcionamento causal do mundo ao redor. Essa incompreensão trás uma sensação de impotência e desânimo frente às dificuldades, as quais são percebidas como externas e independentes da nossa vontade. O segundo reino inferior é o reino dos fantasmas famintos. As pessoas inseridas nesse padrão emocional estão sempre aflitas pela carência e envolvidas em todo tipo de vício. Em termos de paisagem mental é a constante busca por algo externo, normalmente inconscientes que o bem-estar e a felicidade são processos internos. Por fim, o reino dos infernos é dominado pelas emoções negativas como a raiva e o medo. As pessoas nesse padrão emocional estão sempre atacando ou se defendendo. O mundo é uma ameaça, todos são uma ameaça.

Concluindo a descrição da Roda da Vida, temos os 12 elos de originação interdependente. Para isso, vamos retornar a figura 1. Eles são o disco exterior da roda. Olhando a roda no sentido horário, o primeiro elo mostra um cego Tateando o chão com sua bengala. A bolha de realidade surge quando percebemos o mundo a partir de uma perspectiva específica. São experiências, construções imaginárias ou operações mentais. Quando focamos uma coisa perdemos de vista outra. Esta é a cegueira espiritual da qual nos fala o primeiro elo.

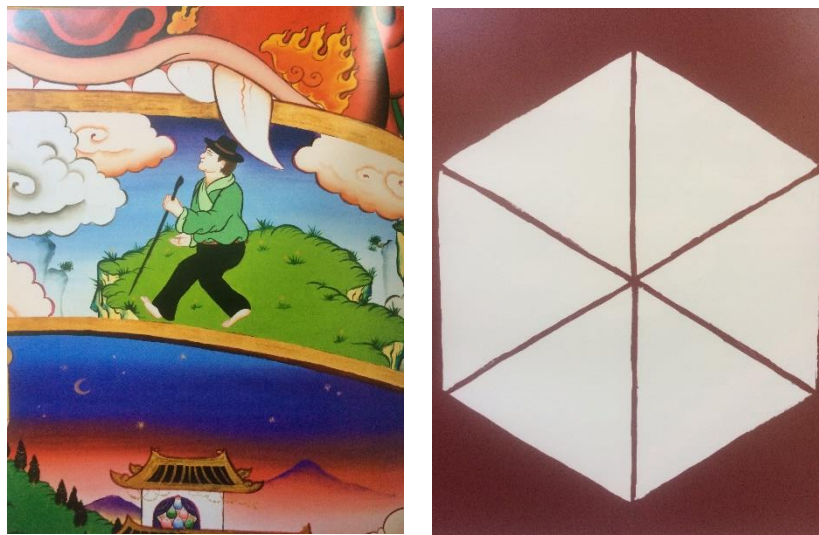


Figura 4: Avidya (estreitamento da visão)

Para compreender avidya, no livro é dado o exemplo de um cubo (p. 41-43). A experiência é determinada por uma operação mental interna:

No cubo temos os traços. Se olharmos para o desenho por alguns minutos e com bastante atenção, perceberemos que esses traços proporcionam pelo menos duas imagens. A frente do cubo, repentinamente, torna-se o fundo do que parece ser um outro cubo, sem que nada se altere de fato, a não ser a nossa visão. Logo, podemos concluir que a experiência que temos a partir dos traços ultrapassa o que é determinado pelos traços. [...] Quando localizamos essa operação mental, vemos que temos liberdade diante dela, ou seja, podemos conduzi-la para um resultado ou outro. Podemos criar um clique interno que nos faz passar de uma experiência para outra. [...] Temos que segurar com muito cuidado essa capacidade de poder passar de uma visão para outra, porque ela é a essência da liberdade. (SAMTEN, 2010, p.41)

Temos a impressão de que o cubo está no papel, que há uma separação entre observador e objeto. O cubo na verdade está na nossa mente. No papel estão apenas os traços que reconhecemos como um cubo. Isso é avidya. Em outras palavras, a cegueira espiritual em perceber que a separatividade é construída. Quando olhamos uns aos outros, também nos vemos separados, porém as qualidades que vemos nos outros são inseparáveis de nossa própria mente. Olhamos a foto de alguém e desenvolvemos sentimentos em relação à foto, mas não há ninguém ali, apenas papel e tinta. Não estamos separados do que está fora de nós porque nós construímos essa realidade que está aparentemente fora de nós. A realidade objetiva é interpretada e construída internamente. O grande segredo aqui é que se nós compreendermos avidya, conseguimos entender toda a roda da vida. A iluminação é possível na compreensão do primeiro elo.

Por essa razão e por uma questão de espaço, os demais elos não serão abordados neste artigo. Em suma, os três venenos da mente, os seis reinos e os doze elos de originação interdependente são essencialmente as fontes do sofrimento e dos conflitos humanos. Vale repetir que somos nós mesmos que entramos no Samsara e apenas nós podemos sair (e não entrar mais).

Para isso há um ensinamento chamado “O Coração da Sabedoria”, também conhecido por “Sutra do Prajnaparamita” ou “A Perfeição da Sabedoria”. Segundo Lama Padma Samten (2010, p.102) “O Sutra do Coração pode ser compreendido como um princípio ativo pelo qual vamos da margem da confusão para a margem da visão de sabedoria, aquilo que nós budistas chamamos de ‘visão da vacuidade’”. Essas sabedorias estão descritas da seguinte forma:

- 1) Sabedoria do Espelho: Capacidade de ver os seres construindo seus mundos. O mundo que elas enxergam espelha a mente deles. Nossa visão de mundo é um espelho da nossa mente. Com a compreensão disso, brota naturalmente o acolhimento;

- 2) Sabedoria da Igualdade: Ajudar esses seres aonde eles estiverem. Sustentar e olhar da mesma forma. Generosidade sem expectativas, natural. A maior generosidade é ver o potencial de liberdade de manifestação do outro;
- 3) Sabedoria Discriminativa: Olhar todo e qualquer fenômeno como ele realmente é. Olhar e entender da forma mais profunda. Os ensinamentos budistas nascem dessa sabedoria. Olhar para o outro e fazer aflorar suas habilidades. Exame dos processos mentais;
- 4) Sabedoria da Causalidade: Destruição dos comportamentos negativos. Na causalidade entendemos que se nós fazemos ações positivas, ou, mesmo se tivermos apenas aspirações de coisas positivas, nós brilhamos; e
- 5) Sabedoria de Darmata: Ainda que a gente esteja em um mundo de relações, isso não é a realidade maior. Não somos as identidades, somos a dimensão livre incessantemente presente, disponível, antes, durante e após a construção dessas identidades.

Concluindo esta breve descrição, o caminho budista para a paz passa essencialmente pelo autoconhecimento. Samsara é um mapa de paisagens mentais as quais, uma vez compreendidas, podem nos guiar para uma vida mais lúcida. Em outras palavras, o verdadeiro poder é o poder de fazer escolhas conscientes. E, por sua vez, escolhas conscientes são a essência da liberdade autêntica. Isso é paz. E como se diz ao fim de toda prática de meditação: “que todos os seres sencientes possam se beneficiar dos méritos atingidos com essa prática!”.

2. Além da identidade

A identidade convencional brota de respostas automáticas condicionadas. Ou seja, a identidade é uma configuração artificial: muda-se a realidade construída e, por sua vez, muda a configuração identitária. Na filosofia budista o que permanece é o espaço onde essas realidades são construídas: o espaço básico, livre, a vacuidade. O qual pode ser chamado de consciência ou, simplesmente, presença. Para entender melhor o que significa “ter consciência” ou “estar presente”, é melhor começarmos pelo que isso não é: o ego.

Uma concepção muito comum do ego é a de que ele é simplesmente a identificação com a forma, a qual basicamente corresponde a três tipos: física, pensamentos e emoções. Para Eckhart Tolle (2007), a palavra “eu” incorpora o maior erro e ao mesmo tempo a verdade mais profunda, dependendo de como é utilizada. No uso cotidiano, “eu” contém um sentimento ilusório de identidade. Isso é o ego, semelhante ao descrito pela filosofia budista. Essa

identidade ilusória se torna então a base de todas as interpretações posteriores da realidade. Logo, a realidade do indivíduo passa a ser um reflexo da ilusão original.

Assim, à medida que a criança cresce, o pensamento original do “eu” atrai outros pensamentos para si mesmo e passa a se identificar com diversos elementos, como a nacionalidade, o gênero, raça, religião, profissão, bens materiais, o corpo percebido pelos sentidos, as emoções, etc. Outras coisas com as quais o “eu” se identifica são papéis, opiniões e conhecimentos acumulados, gostar ou não gostar, memórias do passado, etc. Nesse contexto, a maioria de nós não se encontra em uma realidade viva, e sim em uma realidade conceitualizada.

Portanto, “tomar consciência”, em poucas palavras, significa nos tornarmos livres da identificação com a forma (assim como a imagem de Buda olhando para a roda da vida do lado de fora). Na verdade, tudo o que precisamos para transcender o ego é estarmos conscientes dele, uma vez que ele e a consciência são incompatíveis. A compreensão da espiritualidade é ver com clareza que o que nós percebemos, vivenciamos, pensamos ou sentimos não é, em última análise, quem somos. Como dito anteriormente, não podemos nos encontrar em todas essas coisas porque elas são de fato transitórias.

Ao seguir esse caminho entramos no campo da transpessoalidade. Segundo Roger Walsh e Frances Vaughan (1993, p.17), “as experiências transpessoais podem definir-se como aquelas em que o senso de identidade ou de eu ultrapassa (trans + passar = ir além) o individual e o pessoal a fim de abarcar aspectos mais amplos da humanidade, da vida, da psique e do cosmo”. Por conseguinte:

A psicologia transpessoal é o estudo psicológico das experiências transpessoais e seus correlatos. Estes incluem a natureza e as variedades, causas e efeitos das experiências e do desenvolvimento transpessoal, como também as psicologias, filosofias, disciplinas, artes, culturas, estilos de vida, reações e religiões por eles inspirados ou voltados à sua indução, expressão, aplicação ou compreensão (WALSH e VAUGHAN, 1997, p.17)

Eliana Bertolucci (1991) descreve um estado sem conflito proveniente de um centro psíquico ou espiritual de onde nossas identidades, pensamentos e explicações racionais do mundo não são mais necessárias. Esse centro ou consciência em seu mais elevado sentido é o estado por excelência onde podemos estar em paz. São as divisões internas que nos levam aos conflitos. Assim sendo, o verdadeiro equilíbrio psíquico só pode ser obtido nessa posição, ou

seja, nessa relação direta com a realidade, onde as fantasias e defesas psíquicas da separatividade não estão mais presentes.

No momento em que passamos a nos sentirmos unidos com tudo o que acontece, expandimos nossa identidade e nos tornamos parte constituída e constituidora de realidades que não estão diretamente vinculadas com a identidade pessoal. Essa percepção de igualdade só é possível a partir da vivência de uma realidade superior. O caminho inverso à integração total do indivíduo à essa realidade superior é a divisão do eu em relação a si mesmo e em relação ao mundo, o que constitui a posição defensiva do ego que se sente separado do todo, lutando por sua sobrevivência.

Segundo Bertolucci, “a palavra *trans-formar* indica de maneira direta a raiz do processo de desenvolvimento ou evolução que estamos começando a descrever: *transcender a forma*” (p. 26). Por sua vez, a adesão à forma gera tudo aquilo que em psicologia se chama *psicodinâmica*, ou seja, os conflitos, as defesas psicológicas, a repetição de cadeias de causa e efeito, o ir e vir condicionado de todos os tipos de reação psíquica.

A perspectiva transpessoal é justamente uma busca das raízes psíquicas para além das cadeias da psicodinâmica em direção às realizações máximas do potencial humano por um lado e, por outro lado, em direção aos seus maiores temores e impedimentos ao crescimento. Essa perspectiva corresponde ao que vimos anteriormente sobre a transcendência do Samsara na visão budista. Para que uma transcendência da identidade seja possível, é necessário irmos também de encontro às raízes dos fenômenos que a impedem ou dificultam. Da mesma forma que no budismo, a iluminação ou nirvana só é possível transcendendo os fenômenos que prendem os seres humanos ao Samsara. Em ambas as situações, nós somos a resposta e o caminho para aquilo que nós mesmos criamos.

Seguindo essa linha de pensamento,

“O primeiro aspecto que queremos sublinhar e que faz parte da ‘psicodinâmica da transformação’ é a necessidade de incentivarmos a *desidentificação* do indivíduo em relação a suas ‘amarras’ psíquicas. Na perspectiva transpessoal, o processo psicoterápico, bem como todo e qualquer processo que envolva crescimento psicológico, deve ser conduzido através da clara visão de que o indivíduo deve ir se desidentificando de todos os papéis a que ele tem se apegado durante a vida – conscientes ou inconscientes – que constituem o que ele vive por ‘identidade’. O senso de identidade depende diretamente das identificações que estão operando no indivíduo. A maioria das pessoas tem um senso muito restrito de identidade”. (BERTOLUCCI, 1991, p. 28)

Por sua vez, a autora entende por identidade,

“[...] o(s) elemento(s) de uma representação, toda e qualquer forma psíquica, emoção, sentimento, papel (social, psicológico), impulso psíquico, habilidade, fluxo energético, poder psíquico, arquétipo, desejo, etc., que está sendo vivenciado pelo indivíduo em determinado momento e que, para ele, constitui se ‘eu’, mesmo a identidade que não tenha consciência dessa identificação. Nesse sentido, não é homogênea, pois traz em si mesma a diversidade dos planos material, psíquico e espiritual que são vividos simultaneamente, embora a cada momento um aspecto prevaleça na consciência. No sentido etimológico, o termo ‘identidade’ está ligado a ‘ser o mesmo, a mesma coisa’, cujo prefixo ‘idem’ é o mesmo para identificação (tornar-se o mesmo, ser o mesmo).” (BERTOLUCCI, 1991, p. 28)

Esse entendimento corrobora com a descrição apresentada anteriormente sobre a formação das identidades no centro do Samsara, onde *somos arrastados por pensamentos, memórias, emoções, projeções etc., de tal forma que entramos em bolhas de realidade*. Assim como no Budismo, na perspectiva transpessoal, quando uma pessoa atinge um estado elevado de consciência, o eu se dissolve no não-eu e tudo faz parte de uma só Realidade. Estamos falando, em ambos os casos, da transcendência do ego. Este conceito é melhor compreendido pela imagem de Buda fora do Samsara (figura 1), porém presente na forma de pequenas imagens em cada um dos seis reinos, demonstrando assim que ele viveu e tem consciência da identificação pertinente a cada um daqueles estados da mente, mas os transcendeu, por isso está fora da roda da vida.

O termo “transcendência do ego” pode parecer um termo de difícil compreensão. Levando em consideração essa dificuldade muito comum, acredito que a descrição feita por Jean Shinoda (1991) seja de uma riqueza esclarecedora:

“A sincronicidade é o princípio que faz a ligação entre nossas psiques e uma ocorrência exterior, na qual sentimos uma misteriosa sensação de união entre o ser interior e o ser exterior. No decorrer da experiência de uma ocorrência sincronística, em vez de nos sentirmos como entidades separadas e isoladas em um vasto mundo, experimentamos a interligação com os outros, e percebemos o universo em um nível profundo e significativo. Essa conexão subjacente é o Tao eterno, e o evento sincronístico é uma de suas manifestações específicas.” (p. 40-41)

Shinoda se refere à experiência de coincidências significativas, também conhecidas como “sincronicidade”. Essas experiências seriam como breves conexões com o Todo, com o Universo, em que perdemos temporariamente a noção de ego e mergulhamos em algo maior do que nós mesmos. Nesse contexto, outra descrição relevante sobre essas experiências é trabalhada no romance *A profecia celestina*, de James Redfield (1994), onde, de forma resumida, o autor apresenta que “estamos descobrindo novamente que vivemos em um mundo

profundamente misterioso, cheio de coincidências súbitas, encontros e sincronicidades que nos parecem predestinados”.

Qualquer caminho que tenha por destino a paz, passa essencialmente pela transcendência do ego. Os conflitos nascem da visão estreita do mundo, logo o caminho para a paz, como escrito no preâmbulo da constituição da UNESCO, está na própria mente dos homens. O caminho primordial é o caminho do autoconhecimento. Só podemos compreender e ter consciência do outro, compreendendo e tomando consciência de nós mesmos.

3. Cultura de paz

Contudo, o caminho do autoconhecimento é apenas um dos caminhos para a paz. Segundo Wolfgang Dietrich³ (2012), existem pelo menos cinco interpretações diferentes sobre paz: paz energética, paz moral, paz moderna, paz pós-moderna e paz transracional. O caminho budista é um caminho que leva à paz energética. Porém, veremos que todas as “pazes” estão interligadas.

As abordagens energéticas se referem a toda tentativa de entender a paz como a integração de opostos. Em outras palavras, nós somos capazes de perceber polaridades opostas no mundo através de nossos sentidos, porém, o maior desafio é o que nós fazemos com isso, como interpretamos e nos relacionamos com esse mundo de polaridades.

Nessa interpretação específica de paz a ideia de paz é de que, se há polaridades, só há paz se encontrarmos a unificação, o equilíbrio dos opostos. É por essa razão que ela é chamada energética, porque ela jamais pode ser uma situação estável, mas sim uma transformação contínua das relações humanas. Portanto, nós sempre teremos o constante desafio de equilibrar o estado atual de nossas relações. A questão chave é como reagimos às situações. Descanso não significa necessariamente paz, pois se qualquer coisa ou pessoa pode me perturbar enquanto estou descansando isso revela que eu não estava realmente em “paz”. Por outro lado, se eu consigo reagir (ou também simplesmente apenas não reagir, se essa decisão for uma escolha consciente) às situações de forma lúcida, sem ser sugado por elas, isso indica paz. Ela é uma postura interna, independente das situações. Isso vai do nível subjetivo, de como eu sou como indivíduo, passando pelo familiar, o comunitário, o social e até mesmo no nível global. Essa é

³ Coordenador da Cátedra de Estudos da Paz da UNESCO, situada na Universidade de Innsbruck, Áustria.

uma interpretação que pode ser encontrada em muitas abordagens filosóficas e religiosas clássicas como o Hinduísmo, o Taoísmo, o Budismo, entre outras.

Portanto, é possível sintetizar a compreensão energética de paz como uma paz derivada da harmonia, já que a paz, como um termo clássico, jamais pode estar sozinha, sempre necessitando uma contraparte que interprete e nos diga como a paz deve ser entendida. A paz por si só nesse sentido é uma palavra vazia de sentido. Harmonia, portanto, é o significado da paz na interpretação energética.

Já as interpretações morais de paz, derivam das mesmas observações de que existe um mundo marcado por polaridades de opostos, mas a conclusão a partir dessa observação é muito diferente. Esse é o momento em que opostos, como bom e mau, certo e errado, forte e fraco entram em cena. No momento em que vejo que existe uma oposição, por exemplo na sociedade, na natureza ou em qualquer outro tipo de relação, eu categorizo o que é apropriado e o que não é. Logo, para tomar uma decisão eu preciso de uma lista normativa de valores a seguir. Nessa interpretação se torna bastante óbvio que se há bem e mal, eu quero e devo fazer a coisa boa, eu quero ser a pessoa boa, correta, para estar em paz.

A partir dessa distinção chegamos a uma nova divisão muito importante entre nós e os outros. Porque, se há algo como uma verdade objetiva e eu quero ser bom e seguir essa verdade, por consequência lógica, aqueles que não seguem meu caminho são maus e estão no mal caminho, fazendo as coisas erradas. A ideia de paz aqui é a de que teremos paz apenas se todos seguirem o que essa lista normativa nos diz. É nesse momento também em que a justiça entra na discussão, porque a coisa justa é aquela que apoia o bom, o correto, o verdadeiro, o belo.

O problema é que, se por um lado essa paz é bonita para aqueles que fazem parte desse “nós”, por outro lado, temos todos aqueles que são diferentes, excluídos e julgados de forma etnocêntrica. É o que costumamos ver especialmente na história das grandes culturas ao redor do Mediterrâneo. Encontramos isso na cultura judaica, cristã e nas suas derivações e islâmica. É uma paz derivada da justiça, porém, ao mesmo tempo, podemos ver que justiça é um conceito bastante problemático e que deve ser avaliado com cautela.

A terceira interpretação de paz é a chamada abordagem moderna de paz. Em termos de estrutura, ela é similar à moral, mas difere no princípio fundamental. As interpretações morais se referem a qualquer tipo de personificação de Deus como justificativa última de paz. No sentido moderno, porém, esse Deus passa para um segundo plano, mas não desaparecendo por completamente. Nesse momento então a razão toma estruturalmente o lugar de Deus e o foco

se dá em toda e qualquer relação mundana e concreta. Isso quer dizer que apenas coisas materiais que podem ser vistas, que são tangíveis e compreensíveis são relevantes para essa interpretação de paz. Portanto, a razão e a racionalidade (entenda-se: previsibilidade) se tornam palavras cruciais aqui. A ferramenta metodológica básica que utilizamos para essa interpretação é, primeiramente, o Estado-Nação. Aqui devemos ter em mente que essa figura não é algo natural que sempre existiu, mas é uma construção da mente humana que foi muito útil durante alguns séculos sob condições sociais específicas. Dessa maneira construímos a ideia de um Estado-Nação e a interpretação moderna de paz que responde e corresponde a ele.

Um dos elementos centrais dessa correspondência é a ideia de segurança. Se nos referirmos apenas a coisas mundanas, apenas ao material, ao físico, é muito claro que o medo de perde-las, começando com nossa vida e depois com tudo que a ela se relaciona, nossas necessidades, tudo isso está de certo modo em risco e devem ser mantidas em uma zona de segurança. Essa é a ideia de Estado-Nação, de cria-lo para manter uma ordem interna que provê segurança para seus cidadãos e, claro, para defendê-los dos outros que possam ser uma ameaça. Assim, a segurança se converte no maior objetivo de uma paz moderna, paz a partir da segurança.

A quarta interpretação, a paz pós-moderna, baseia-se no princípio da incerteza. As narrativas da modernidade nos trouxeram experiências como a Primeira e Segunda Guerra Mundial, o Holocausto, Hiroshima e todas as outras terríveis catástrofes do século XX. De certa maneira, não somos lá tão racionais quanto pensávamos. O contexto do porquê chegamos a essa situação é porque nós, além de sermos seres racionais, somos também seres emocionais. Então a razão pode ser uma ferramenta muito útil para nossos desafios cotidianos, mas, se somos apenas racionais perdemos grande parte do potencial humano e não podemos entrar em uma relação mais profunda conosco e com os outros. Há algo mais.

Portanto, esse seria o princípio da dúvida e, nesse sentido, a questão da verdade se torna muito importante na pós-modernidade. Embora se afaste dessa fixação no princípio fundamental de uma verdade absoluta, multiplicando verdades e tornando-as interdependentes. Assim, a visão pós-moderna define a verdade a partir de todo encontro humano existente acontecendo. Isso implica que em um contexto pós-moderno não se busca uma paz derivada da verdade absoluta que a racionalidade científica nos dá, mas a verdade se torna aquilo que eu e você em nosso encontro concreto definimos como verdade, reconhecendo que no momento em que entra uma terceira parte ao jogo se dá a necessidade de redefinir a verdade anterior, assim como em todo novo encontro haverá a necessidade de se encontrar uma nova verdade. Logo, a

verdade se torna plural e a pluralidade é um termo chave para a pós-modernidade, a qual tenta responder à desorientação que as sociedades modernas entraram após os desastres e as experiências traumáticas do século XX.

Uma paz que deriva da verdade é fundamental para a compreensão da pós-modernidade, agora como plural e com o conhecimento de que a paz só pode ser feita na construção das relações humanas. Isso é um grande desafio porque não temos a segurança da resposta única, não podemos chamar nenhuma autoridade para dizer-nos o que é paz, mas é a nossa responsabilidade defini-la e redefini-la em cada encontro.

Enfim, a paz transracional busca integrar todas essas concepções de paz. Necessitamos de segurança, justiça, verdade e harmonia para criar nossa paz, mas não podemos focar em apenas uma delas. No momento em que fazemos isso entramos em avidya, como descrito no caminho budista para a lucidez, fazendo com que o sistema perca o equilíbrio. Em outras palavras, focamos a parte em detrimento da visão mais ampla, ou seja, do todo. Portanto, a transracionalidade abrange todas elas, fazendo uso da racionalidade moderna, do princípio da dúvida como força motriz em nossas relações ainda racionais, mas também reconhece a abordagem energética que nos diz que somos, além de seres racionais, também seres emocionais, sociais e espirituais. Somos seres, de uma forma ou de outra, em busca da transcendência.

Segundo Marcelo Gleiser,

“O caldeirão é onde o cozinheiro mistura os ingredientes, transformando-os na comida que alimenta nosso corpo e mente. É, também, onde o alquimista mistura os metais, buscando uma transmutação em que tanto ele quanto sua mistura se transformam em algo diferenciado: os metais, em ouro; o alquimista, em um ser iluminado. O caldeirão é o laboratório onde buscamos alguma forma de transcendência, o portal que nos transporta a uma nova realidade. É azul porque o nosso planeta, visto do espaço, é azul. O Caldeirão Azul [título do livro] é o palco das nossas vidas, da nossa busca incessante por transformar cada um de nossos dias em algo mais mágico, mais significativo” (2019, p.13)



Figura 5: A Terra vista do espaço⁴
(sem fronteiras imaginárias entre as nações).

Considerações finais

O ser humano, desde os primórdios da civilização, constrói visões de mundo que buscam amparar nossas incertezas sobre a vida e a morte, de tal forma que o outro sempre foi uma ameaça a essa frágil estrutura. Como vimos, a construção do outro como algo separado de nós é uma visão estreita da realidade, uma “cegueira espiritual”. Por sua vez, fonte de todos os conflitos. Pois, todos os conflitos nascem na mente, e apenas na mente eles podem ser transformados, transcendidos. A identidade é, essencialmente, uma demarcação da diferença. Transcendê-la não significa perdê-la, mas passar a olhar o mundo além do mar de nomes.

Todos nós somos um tipo de peregrino, vindo de diferentes pontos da bússola, compartilhando a estrada juntos por um tempo, e com tanta riqueza, podemos apenas imaginar para onde ela irá nos levar a partir daqui.

Loreena McKennitt

⁴ Fonte: NASA. Disponível em: <https://www.nasa.gov/topics/earth/images/index.html> Acesso em: 02/02/2020.

Referências

BERTOLUCCI, Eliana. *Psicologia do sagrado*. São Paulo: Ágora, 1991.

DIETRICH, Wolfgang. *Interpretations of peace in history and culture*. New York: Palgrave, 2012.

GLEISER, Marcelo. *O caldeirão azul: o universo, o homem e seu espírito*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

LAPLANTINE, Françoise. *Identità e meticciano*. Milano: Elèuthera, 2011.

REDFIELD, James. *A profecia celestina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

SAMTEN, Lama Padma. *A roda da vida como caminho para a lucidez*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

SHINODA, Jean Bolen. *A sincronicidade e o Tao*. São Paulo: Cultrix, 1991.

TOLLE, Eckhart. *Um mundo novo: o despertar de uma nova consciência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

WALSH, Roger; VAUGHAN, Frances. *Caminhos além do ego: uma visão transpessoal*. São Paulo: Cultrix, 1997.